

MESSIANISMO E DESENVOLVIMENTO

RENÉ RIBEIRO

Desde Max Weber que a condição de *pária*, ou de população marginalizada, ou reduzida à dependência econômica, ou inferiorizada, vem sendo relacionada com a eclosão de movimentos messiânicos. Quer esteja ela ligada à conquista militar e ao desenraizamento das populações rurais como no caso do messianismo Judeu, ou resulte a privação real ou relativa de uma situação de domínio material e político, ou cultural, como no caso das populações nativas atingidas pela expansão européia no mundo, ou corresponda à intrusão do moderno no tradicional, daí resultando situações de crise, como no caso mais especial dos movimentos "rústicos" do Brasil a dependência econômica, não há negar, ressalta como fator importante, embora não exclusivo, na sua gênese.

De outro lado, como muito bem sublinhou Roger Bastide, os messianismos mal sucedidos têm merecido pouca atenção, exceção feita da análise por esse autor do que chamou de messianismo negro no Brasil (1) e do estudo por Leon Festinger e colaboradores de um caso de messianismo fracassado nos Estados Unidos (2). O insucesso, bem mais que o sucesso, pode ser revelador, especialmente quando se investiga um fenômeno social da complexidade e da importância do messianismo.

A observação, no Nordeste do Brasil, de um movimento messiânico contemporâneo que fracassou oferece-nos a oportunidade de equacionar conjuntura com messianismo. Documentos como as anotações das "mensagens" recebidas pelo profeta, notas para a redação de livros e de uma Bíblia, correspondência pessoal e avulsos de propaganda fo-

ram por nós examinadas, completando-se com entrevistas gravadas obtidas do secretário do profeta e dos principais membros do movimento.

O método do estudo de caso, aqui preferido, não é puramente expediente mas resulta da convicção de que diante da imobilidade e da "coerência e estabilidade que a realidade não tem", como diz E. R. Leach (3) dos modelos estruturais, a individualização se impõe para que possamos apreender algo da complexidade e das nuances do fenômeno em causa.

Quando da reunião de Chicago (abril de 1960) sobre messianismos, presentes autoridades da estatura de Norman Cohn, George Shepperson, Jean Guiart, Justus M. von der Kroef, Mircea Eliade, David F. Aberle dentre outros, acentuou-se a falta de estudos sobre os movimentos messiânicos fracassados ao mesmo tempo em que se propunha uma sistemática para a análise dos messianismos (4). Ao deixarmos o Recife, para participar nessa reunião, circunstância fortuita nos colocou na pista de um movimento milenarista no Nordeste que estudamos de volta, apresentando agora sumariamente, os elementos desde então coligidos. Sua apresentação obedece à esquematização proposta naquela reunião tratando primeiro da natureza e história das idéias milenaristas utilizadas nesse movimento, logo das circunstâncias em que o mesmo teve lugar, da natureza da liderança e do modo de recrutamento de seus seguidores, do seu desenvolvimento e da possível importância teórica do seu estudo.

I — Natureza e história das idéias milenaristas

As idéias milenaristas no mundo ocidental e em outras partes do planeta afetadas por sua expansão derivam, como é do conhecimento geral, da tradição cristã. Para sermos mais precisos, do Apocalipse segundo São João. Além disso, alguns dos movimentos brasileiros não-indígenas tiveram (especialmente o primeiro deles, dito da Serra do Rodeador, ocorrido entre 1817 e 1820) nítida influência sebastianista (5). Nesses casos o Esperado não seria mais o Messias e sim o rei D. Sebastião, desaparecido na África por ocasião da derrota portuguesa em Alcacer-Kebir. O rei perdido tornara-se legendário e seria o seu reaparecimento anunciado por profetas e precedido por fatos extraordinários e cataclismos que inaugurariam o milênio ou reinado de Deus sobre a terra (6). Nesse, como em outros movimentos, inclusive no que agora relatamos, tesouros incontáveis seriam desencantados e a vida amena aguardaria os crentes salvos para o milênio na nova idade de ouro sobre a terra.

No movimento agora estudado, o profeta, além de anunciar o apocalipse e o milênio, acredita poder encontrar e revelar minas de

diamantes e de ouro “encantadas” em vários sítios dos sertões de Pernambuco, da Paraíba, do Ceará (“a maior riqueza do mundo está na Pedra do Pinhão, do lado do caminho, em Mãe d’Água de Fora, nas espinhara, no pé da Serra do Teixeira; é uma mina de diamantes”... “o maior tesouro do Brasil está em São Caetano, por trás do Posto Fiscal tem um serrote pequeno na beira da rodagem; na cabeça do serrote, por trás da última pedra do lado do Posto está o tesouro dos Andradas da Rasa Ária” etc.). Esqueceu, porém, o valor do urânio de tanta atualidade nesta era atômica...

O número dos eleitos do Senhor no grupo que tem tentado formar seria muito pequeno, apenas vinte e quatro, que se iriam reproduzir (para isso se instituiria a poligamia) após salvos do Apocalipse, em três [Novas Jerusaléns] a serem construídas (uma em Arcoverde, uma em Juazeiro, outra em Livramento, Paraíba). A mão-de-obra necessária terá de ser recrutada em outros planetas para além da terra, criaturas do espaço sideral para aqui descendo, por ordem de Deus, em discos-voadores. Recordando o Antigo Testamento, os “encantados” de civilizações passadas relegadas ao fundo da terra serão miraculosamente trazidos à superfície e recrutados como mão-de-obra...

As idéias fundamentais, no nosso movimento, contêm, além de temas salvacionistas, milenaristas e quiliásticos (as dívidas do Brasil seriam pagas, todos os “salvos” ficariam imensamente ricos, desapareceriam as contingências da vida terrena com o rejuvenescimento e a imortalidade) outros tomados por empréstimo e inúmeras outras tradições que não a cristã: espiritualismo, teosofismo, ocultismo, induismo etc., além de se formalizarem ora em termos católicos, ora protestantes.

II — *Circunstâncias em que teve lugar o movimento*

O iniciador do movimento residia em Arcoverde, cidade próspera, localizada na boca do sertão de Pernambuco, quando de sua visão anunciadora em 1932. Havia dois anos que se iniciara na sociedade brasileira uma série de fundamentais mudanças políticas e sociais, com a tentativa de substituição das estruturas rurais semifeudais por outras “modernas” e da economia de subsistência ou de monocultura exportadora para outra de mercado e industrializada, além de reformas políticas e administrativas. Tanto que sua família de artesãos de couro (selas e sapatos) vira-se afetada pela invasão de produtos manufaturados, tendo de dedicar-se a outra atividade. Suas andanças logo de início em busca de tesouros não lhe granjearam adeptos nem muita oposição, um possível surto psicótico tendo passado sem cuidados das autoridades por se tratar de pessoa de

família de alguma influência. Desde época remota toda a região nordeste do Brasil vivera, como ainda hoje vive, com a imagem mística do taumaturgo padre Cícero Romão Batista, do Juazeiro. Também, afetram suas populações as pregações apocalíticas de homens "santos" como frei Damião, por ocasião de periódicas "missões". Familiar também eram até pouco tempo as procissões de "penitentes", e "flagelantes", os "ofícios de almas" e outras abusões do Catolicismo rústico e da credence sertaneja (7).

Nosso profeta passou vinte anos como mais um taumaturgo ou romeiro, sem se fazer notar, surgindo em 1952 na serra do Teixeira a 80 quilômetros de Arcoverde, onde fizera pequenas curas (dor de cabeça, gastralgias etc.) sem nenhum impacto maior sobre a sociedade local. Expulso desta vez pelas autoridades policiais e eclesiásticas, mais tarde ele foi abrigado e protegido por uma família sertaneja, em Patos, que tinha um doente mental "obsedado" a ser por ele curado. Essa atividade curandeira obteve-lhe os primeiros prosélitos ali e em Campina Grande .

Por volta de 1955 o profeta passa algum tempo no Recife, apoiado pelo irmão e outros parentes preocupados com "ocultismo", obtém a adesão do seu atual secretário, versado em espiritismo, ex-membro da Legião da Boa-Vontade (de Zahrur) e crente no "mistério" dos discos-voadores. Nesses dois últimos centros urbanos a difusão do Protestantismo, do Espiritismo, das várias formas de catimbó e religiões de derivação ameríndia e africana, do ocultismo, da cartomancia, do teosofismo e da Yoga sucedia contemporaneamente à crise do Catolicismo precursora do Vaticano II, tornando múltiplas as opções para relacionamento do indivíduo com o sobrenatural e varia sua afiliação cultista.

Já com o seu grupo de eleitos formado, tentou o profeta estabelecer-se em 1960 no Juazeiro do Norte, a meca do nordeste místico, mas a institucionalização do movimento anteriormente liderado pelo padre Cícero impediu a tentativa de revitalização dos novos milenaristas. Seu propósito de instalação no Horto foi repellido a princípio com subterfúgios e finalmente com a ação hostil dos frades guardiões do espólio de N. Sr.^a das Dores e dos jagunços romeiros do padre taumaturgo. Dispersando-se e reagrupando-se ocasionalmente no Recife ou em Campina Grande, desfalcado de seguidores, o que restou do grupo vem ultimamente tentando estabelecer-se em Livramento, não muito distante dessa última cidade, dedicando-se profeta e seguidores à pesquisa de seus imaginários minerais. Há pouco foram presos pelas autoridades policiais de Campina Grande sob a acusação de estarem iludindo a boa-fé de pessoas do povo e despojando-se dos seus haveres, a fim de custearem as escavações em Livramento. Libertados, continuam o profeta, seu secretário e um pequeníssimo número de seguidores a entreter suas fantasias milenaristas e a buscar as riquezas fantásticas da idade de ouro que parece nunca chegar.

Nosso profeta é um homem beirando os 70, de boa aparência, muito bem conservado para a idade, extremamente reservado, que foge a contatos fora do grupo, suspicaz e avesso a pregação e a multidões. Tem, porém, hábitos hedônicos, apreciando boas roupas, transporte motorizado, companhia feminina e só dorme em cama perfumada.

Fora da revelação que teve em 1932, ele pretende receber mensagens divinas que são canhestramente lançadas num caderno em mau português e pior caligrafia. Essas mensagens propõe-se regular minuciosamente a vida do profeta e dos seus seguidores bem como guiar suas ações e anunciar-lhes sucessos futuros. Quando da sua estada em Teixeira, o profeta cavou um buraco no alto da serra, rodeou-o de duas cercas concêntricas e meteu-se dentro a cavar tesouros e anotar mensagens. Aí conseguiu pequeno número de seguidores dispersados em pouco tempo pelas autoridades.

Foi nessa época que ele mudou de nome: de Cícero José de Farias para Israel II, de acordo com a Bíblia. Também, quando se empenhou mais em curar, porém jamais organizou peregrinações nem liderou multidões de fanáticos ou penitentes.

Vinte e duas pessoas, quase todas pertencentes a duas famílias, compõem atualmente o corpo de fiéis seguidores do novo Israel. Esses serão os *assinalados* a que se refere o Apocalipse. A hierarquia do grupo não parece bem definida. Os viventes, abaixo de Jeová, do E. Santo e de Jesus Cristo, seriam doze — membros do “Tabernáculo de Deus com os homens”. Subordinados a eles, mais doze vice-reis e doze rainhas cujas funções permanecem obscuras. Israel, o profeta, reserva-se o cargo de rei de Jerusalém. O secretário do profeta disputa a precedência, na ordem de sucessão com o irmão do chefe e uma seguidora que pretende ter “intuições”.

Na sua existência o grupo já sofreu várias defecções. Um dos seguidores cuja família tinha uma das “princesas” nomeadas rompeu com a confraria porque achou intoleráveis as restrições impostas aos seus membros. No Recife um grupo de rapazes insubordinou-se e ameaçou fisicamente o profeta. Outra família abandonou o grupo por motivo não esclarecido. As esposas do irmão do profeta e a de seu secretário negam-se a segui-los, a última duvidando da hígidez mental do esposo e do líder do grupo. Este foi mesmo abandonado pela segunda esposa que pretendeu poderes sobrenaturais mais fortes que ele após o insucesso da reunião em Juazeiro.

Não são observados rituais de incorporação ao grupo, nem usadas insígnias, nem feitas definições claras, ou estabelecida estratificação de funções e papéis. O recrutamento de seguidores é confiado à força persuasiva de panfletos e cartas distribuídos às autoridades e ao público e aos contatos pessoais do grupo de iniciados.

IV — *Evolução do movimento*

A evolução do movimento messiânico de que presentemente nos ocupamos é um repetido fracasso. Em Teixeira, por volta de 1952, nem chegou o nosso profeta a sair em público, limitando-se a receber mensagens divinas e a cavar seus imaginários tesouros. Em Patos e Campina Grande, da primeira vez, sua influência apenas exerceu-se sobre umas poucas famílias e limitados, consulentes. Seus poderes sobrenaturais então, como desde o começo e mesmo agora, jamais atingiram ao milagre e ao espetacular. No Recife ele permaneceu anônimo, seu único êxito parecendo ter sido apenas o recrutamento de “planetinha”, seu secretário desde então, aposentado da Aeronáutica por *paranóia*. A promessa do milênio a realizar-se em 1960 e a ser aguardado em Juazeiro por ele e pelo número restrito de seguidores que pôde reunir, jamais cumpriu-se, debandando o grupo depois de hostilizado ali. A aproximação com a Igreja Congressional, em 1964, tentada em Campina Grande, tampouco teve maiores conseqüências, aquele ramo do Protestantismo prossequindo seu revivalismo segundo linhas próprias, já conhecidas dos evangelistas agora e em outras épocas. Finalmente a etapa atual de fixação em Livramento (na fazenda de um novo adepto que para melhor se convencer teve de receber promessa de uma compensação maior do que o comum dos fiéis) não tem dado grandes frutos, embora já tenha dado cadela.

Falhando a ação recorreram os nossos milenaristas às missivas e panfletos. A primeira “carta” foi impressa e distribuída em 1960 (com timbre, como as que se lhe seguiriam da Legião Jesuíta Cristã e Sociedade Interplanetária Universal) logo após o insucesso do Juazeiro. É apresentada como revelação de origem divina. Nela se anuncia que Jesus Cristo foi designado para governar uma nova humanidade que se estabelecerá, após o Apocalipse, em Nova Jerusalém. Fixa-se o Novo Advento para esse ano, promete-se a redenção, o rejuvenescimento e menciona-se a existência de *eleitos*, anunciando-se também recompensa e punições uma vez que o “juízo milenário” se aproxima. Os sucessos próximos são as “Bodas do Cordeiro” (do Apocalipse segundo São João) que iniciarão uma era de contrição, de equalitarismo, de tolerância e união dos que alcançarem a redenção. Tal mensagem é dita ter sido recebida “telepaticamente” pelo profeta “para o cumprimento do Consolador Prometido” e para “a vinda de Jesus como rei do Brasil e governo do mundo”.

Outra carta, distribuída no ano seguinte, também é apresentada como a palavra de Deus com um subtítulo mais pragmático: “Operações do Governo Celeste”. Seus primeiros parágrafos são enérgicos refletindo o desagrado ante a nenhuma repercussão da primeira missiva. Jeová diz aí que sua vontade é “firme e potente”, dirige-se às autoridades civis, militares e religiosas e anuncia-lhes que “a terra passou a ser governada por Jesus”. Sua proclamação como “Rei do

Brasil" é reiterada mais de uma vez e as aludidas autoridades são concitadas sob a ameaça do Todo-Poderoso e "não se levantar contra Jesus". Prometa-se ainda às autoridades a manutenção do seu poder definido-se o novo governo como "cósmico, teocrático e teosófico". Há porém diretivas a serem obedecidas: armar-se cada pessoa com uma Bíblia, combater a feitiçaria, respeitar ao espiritismo, promover a caridade, a paz e a fraternidade, punir aos maus, tratar da regeneração dos homens recompensando-os com o reino de Deus e a paz resultante da "aliança entre o Governo Cósmico e o Governo Brasileiro". Não haverá destruição da terra, anuncia, mas "metamorfose" embora o "Juiz do Juízo" se reserve julgar a todos num "advento milenar" enquanto satanás será preso. A cidade Nova Jerusalém será levantada do nada "por um novo Noé" para os bem-aventurados.

Entre 1962 e 63 foi distribuída a terceira Carta, a mais longa de todas. Embora existam aí ameaças veladas ao Catolicismo, reiteram-se o desejo de paz, de tolerância e outras religiões e afirma-se a certeza de que como sede do "governo do mundo" o Brasil alcançará "o ponto de sua grandeza e do seu triunfo como Rei dos Países da Terra". O Messias não é mais anunciado porque já veio e propõe-se "uma grande luta moral". O segundo advento e o milênio são tidos como iniciados em 1960 na cidade de Arcoverde e vinte e quatro mandamentos são arrolados, ao final do documento, para serem obedecidos por quem "quiser ser digno do Reino de Deus".

A quarta e última Carta passou a ser distribuída em 1965 pelo "Escritório do Novo Israel, Cidade do Livramento, Paraíba, Brasil". É um "chamado" de Cristo para nova "aliança entre Deus e o Homem". Temas das outras missivas são repetidos e os que "têm sede de justiça" são concitados a receber a graça da misericórdia divina "sem selo, sem medida, sem ingresso, sem impostos" (?) A volta de Jesus será para reconstruir o mundo com paz, amor e fraternidade, do contrário "as sete taças da ira de Deus serão derramadas". Muitos serão os camados, poucos os escolhidos... O Esperado será "restaurado do seu império" com lutas e sofrimentos, punindo-se quem não aceitar a "nova aliança de Deus". Iminente está também "a batalha entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo, para ratificar o mundo que será de Deus e de Cristo". O fim de todas as angústias é então prometido com a eterna felicidade aos que "fazem a vontade de Deus", a terra passando então a ser "um paraíso dos Bem-aventurados, os chamados filhos de Deus".

A não repercussão dessas mensagens e a escassa resposta à doutrinação pessoal (extremamente reservada a parcimoniosa) dos seguidores de Israel II, levaram-no a concentrar-se, junto com seu secretário, na redação de um livro intitulado *Deus se Revela ao Mundo como levantamento do Programa da Fundação da Nova Jerusalém* e reescrever a *Bíblia* à sua maneira. O profeta, não obstante, a fim de apressar o advento determinou que "chegou o tempo que os Amigos de

Deus devem possuir cada um duas mulheres para que o mundo se escandalize com Deus e peque mais para abreviar a sua destruição"!!! (documento *Decreto para Tirar Descendência Israel*). Assim mesmo, nada acontecendo, voltaram os dois, ajudados pelo dono da terra, a cavar os supostos Tesouros do Livramento onde ainda presentemente se encontram.

V — *Análise de um insucesso*

O caráter urbano do movimento aqui estudado e o fato de terem sido urbanistas seu iniciador e seguidores não parecem suficientemente a não aceitação das suas idéias pelas populações predominantemente rurais do Nordeste. Haja vista que os movimentos milenaristas do século XII, na França e na Itália, eram urbanos e se espalharam de cidade em cidade e por toda parte. Outros movimentos medievais, segundo Norman Cohn (8) surgiram tanto no meio rural quanto no urbano. Os movimentos milenaristas anticoloniais Ba-Kongo, estudados por Balandier (9) são eminentemente urbanos. Daí a irrelevância do argumento.

A mudança social, porém, criando situações de tensão (especialmente quando há domínio e opressão de grupos sociais e de nacionalidades inteiras) pode ser tida como presente em muitos movimentos. Nos movimentos ditos de *revitalização* ou *contra-aculturativos* (índios dos Estados Unidos, Santidades e outros movimentos indígenas da América do Sul, por exemplo), ou nos movimentos de *liberação* (como no caso por exemplo, dos messianismos nacionalistas da África), ou nos movimentos de *compensação da privação* (os cultos da Carga, tanto melanésios quanto africanos) a hipótese da situação de crise torna-se perfeitamente válida (10). Cabe, porém, a pergunta: **por que em plena situação de mudança falha um movimento messiânico?** É a resposta a isso que pretendemos encontrar quando analisamos o movimento objeto deste estudo.

A situação de mudança socio-econômica e cultural no Nordeste do Brasil acentuou-se a partir de 1930, data da última revolução tipicamente liberal neste país. As estruturas sociais aí vigentes e imprópriamente denominadas de "arcaicas" por Jacques Lambert (11) passaram a experimentar consideráveis transformações. O início da desagregação dos latifúndios e a integração da sua economia ao mercado interno, minando a economia artesanal e de subsistência, foi uma delas. O âmbito do trabalho assalariado foi estendido, fomentando-se as relações patrão-empregado do tipo concurrencial e não mais paternalista. O mercado de bens de consumo ampliou-se, do mesmo modo que se expandiram os meios de produção, determinando o incremento da renda média *per-capita*. As novas estradas, a transferência dos excessos populacionais para o Sul industrializado ou para centros ur-

banos do próprio Nordeste permitiram maior mobilidade às populações do Interior, aliviaram a pressão da superpopulação e libertaram o meeiro, o agregado, o morador, o semi-assalariado da dominância dos senhores de terras. Ao mesmo tempo, fortalecia-se o poder político central anulando o arbítrio dos "coronéis" e se tentava a implantação de processos democráticos ou de autodeterminação das comunidades do Interior. Gradualmente desapareceram os "penitentes", as "missões" e outras formas de expressão religiosa exacerbada, enfraquecendo-se assim os modos profético-escatológicos e quiliásticos de expressão religiosa mais comuns no passado, à época do Conselheiro e do padre Cícero (12). Ampliada a rede escolar, a alfabetização, a penetração dos meios de comunicação de massas (jornal, rádio, revistas, televisão, serviços de auto-falantes etc.) operava-se verdadeira revolução educacional e cultural. Multiplicaram-se também os meios secos e enchentes, das epidemias e das pragas. Finalmente, ao nível de prevenção do sofrimento coletivo agudo: das calamidades como as ideológicas, criava-se uma mentalidade desenvolvimentista e entretinha-se a esperança no sucesso tecnológico e a confiança geral na recuperação econômico-social dessa área-problema (13). Um autor insuspeito (por sua orientação marxista) para reconhecê-lo foi levado a afirmar "não serem mais possíveis", daí por diante, "os grupos de cangaceiros ou os *redutos fixos dos conselheiros e dos beatos*". Admite ainda o mesmo autor ter havido no nordestino de hoje "uma mudança de mentalidade" e que os seus costumes sofreram a influência a partir de então do contato com grupos culturais de origem diversa (14).

(O problema do insucesso do nosso novo Israel deve ser compreendido, conseqüentemente, em termos de *conjuntura*. As condições do Nordeste atual, embora contendo basicamente elementos (como os enumerados por Norman Kohn) capazes de conduzir as suas populações a reações do tipo messiânico, como já foi o caso em situações passadas, já engloba, contudo, outros, interrelacionados diferentemente e capazes de dirigir compensatoriamente as suas esperanças e os seus esforços noutras direções, por exemplo, *a do desenvolvimento econômico salvador*.)

As evidências atrás acumuladas prestam-se também para testar outras hipóteses explicativas dos movimentos messiânicos. Foi ainda Norman Kohn quem chamou a atenção para o papel do *profeta* nesse tipo de movimentos. Na sua opinião, é o profeta quem faz a adaptação da fé milenária para uma ideologia milenar e se torna a seguir o portador dessa ideologia. "Se além disso — diz-nos — "o profeta possuir uma personalidade adequada e for capaz de dar uma impressão da convicção absoluta, ele pode tornar-se, em certas situações de tensão emocional do núcleo de um movimento milenarista" (15). As informações mais fidedignas sobre o nosso novo Israel apontam-no como esquivo, suspicaz, temeroso de expor-se em público ("para não

ser crucificado”) e supostamente ameaçado de morte. Ao mesmo tempo, ele vem desenvolvendo hábitos hedônicos, como o de só dormir em cama perfumada, trajar bem, usar condução motorizada (fornecida por seu “secretário”), propondo-se instaurar a poliginia entre os seus seguidores e dela também aproveitar-se. É difícil e arriscado classificar-lhe o tipo de personalidade só por informação (parafrênico? paranóico?) mas é certo, depois da tentativa frustrada de Teixeira, ter ele abandonado seus pendores para eremita, jamais haver trajado sudário, nem feito peregrinações extensas, nem se exposto ao risco da arregimentação de multidões. Assim procedendo alienava ele muito do *carisma* que poderia ter-lhe realçado a figura de profeta. Sua reação ante a hostilidade policial e da igreja estabelecida, ao contrário da de outros taumaturgos e visionários que viram sua pregação, foi a de organizar um grupo pequeno, esotérico e semiclandestino de *eleitos* da sua escolha. Aliás, esse proceder está em linha com a verificação de Leon Festinger e colaboradores que assinalaram, nos dois grupos por eles estudados, a preocupação de manter secretas suas crenças e atividades limitando ainda, egosticamente, a uns poucos (como os *eleitos* no nosso caso), a ventura do milênio (16).

O segredo, esse outro aspecto do movimento que estudamos, e a busca de tesouros secretos alçaram-se em *objetivo* da ação do grupo, assim dificultando, quando da não realização de suas esperanças, o ajustamento a uma realidade nova. Daí também as tensões que então surgiram e que culminaram com a deserção da própria esposa do profeta que passou a se atribuir qualidades sobrenaturais e poder maiores que os dele. Pode-se observar, além disso, que o círculo interno dos *eleitos* pouca proteção recebe dos membros ainda não-iniciados, os componentes da *Legião Jesuíta Cristã*, sua denominação oficial no grupo. Aliás, essas observações estão em concordância com as conclusões de Harry B. Hawthorn em seu estudo da seita dos Daukhobors (Colúmbia Britânica) para teste das hipóteses de Georg Simmel sobre as sociedades secretas (17).

A persistência da maioria dos membros do movimento na expectativa do Segundo Advento e da inauguração do Milênio, apesar do adiamento sucessivo, ano após ano, da realização das promessas de Jeová através o seu profeta e a continuação do trabalho de proselitismo no mesmo ritmo, apesar da decepção repetida não é fato único, não observável em outras instâncias. Tampouco pode ser explicado psicopatologicamente, visto apenas um dos componentes do grupo ser comprovadamente anormal, dúvidas pairando sobre a personalidade do profeta, enquanto outros, tão envolvidos quanto eles nos planos milenares pareceram-nos quando entrevistados, indivíduos normais. Esse comportamento corresponde ao funcionamento peculiar desses grupos e a uma forma particular de reação ante a decepção. Leon Festinger e colaboradores observaram o mesmo entre os milenaristas objeto do seu estudo. A explicação desse tipo de comportamento ines-

perado, segundo esses autores, estaria na necessidade de repudiar a *dissonância* cognitiva face à inequívoca não-confirmação de suas crenças milenares, reforçada pela co-participação, na decepção e no apoio recebido dos outros membros do grupo (18).

Erros táticos cometidos pelo nosso profeta talvez expliquem, em parte, a pequena repercussão popular do seu movimento. Em primeiro lugar, importa indicar a total ausência de insígnias, distintivos da hierarquia do grupo e de qualquer ritualismo. Esses necessários reforços à crença, tão evidentes nos movimentos religiosos, devem ter feito sentir a sua falta ao mesmo tempo que a afirmativa da existência de tesouros e mundos encantados, e da comunicação com discosvoadores, por sua difícil verificação, expunha-os à ação demolidora do ceticismo e da dúvida dos não-iniciados, inclusive de algumas de suas próprias esposas. Em segundo lugar, dada a vulgarização de reportagens e *science-fiction* sobre as comunicações interplanetárias e a existência de outros mundos habitados, o apelo dos nossos milenaristas não tem mais o impacto do maravilhoso porque suas fantasias estão ao alcance de todos. Nisso até que eles perderam a originalidade diante das elaboradas fantasias e do materialíssimo templo para o novo Cristo, o *Avatara Maitreya*, construído pela Sociedade Teosófica Brasileira. (*O Cruzeiro*, 16-9-967). Em terceiro lugar, poderíamos alinhar sua "investida" sobre o Horto, na cidade mística de Juazeiro. É possível que Cícero talvez mal-calculadamente contasse ser admitido a substituir ao taumaturgo seu homônimo, não contando que o movimento do padre Cícero se institucionalizara, já antes de sua morte, e que o *status quo* místico-profano de Juazeiro está sob a guarda de interesses zelosamente defendidos pela Igreja Católica e pelas autoridades constituídas. Em quarto e último lugar, a persistência no uso do folheto como veículo de sua mensagem, com uma linguagem simbólico-obscura à maneira da Bíblia, numa reglão em que 70% dos habitantes são analfabetos, deve ter sua parte de responsabilidade no fracasso até agora verificado nos seus esforços e dos seus poucos seguidores para constituírem o grupo mínimo de vinte e quatro componentes da nova Corte Celeste e auxiliares diretos do futuro Governo Cósmico a ser instalado no Brasil...

Finalmente, há que levar em consideração a amplitude de escolha, para a expressão religiosa, aberta ao indivíduo nesta região pelo pluralismo religioso e pela reinterpretação dos componentes de várias tradições religiosas aqui introduzidas. Descontado o impacto do ecumenismo e do Vaticano II sobre os rituais católicos e a tentativa dessa igreja de recapturar as populações antes maciçamente sob influência — o que tem trazido certa agitação dos espíritos e certa revitalização das crenças de muitos indivíduos — a área das confissões evangélicas (especialmente as igrejas congregacional e pentecostal), do espiritismo, do teosofismo e das seitas africanas está em franca atividade renovadora.

Na região mesma em que atua o nosso profeta, a partir de 1962, grupos de presbiterianos, batistas e congregacionais aproximaram-se dos pentecostais dando ênfase à possessão, à glossolalia e à cura pela imposição das mãos. O próprio movimento ora estudado contém evidências claras do empréstimo feito a várias religiões com seu milenarismo cristão, livre interpretação bíblica à maneira protestante (com redação de sua própria Bíblia) crença na reencarnação e no povoamento de outros mundos e a telepatia e transmissão do pensamento admitidas nas mensagens divinas e nas relações humanas. O pentecostalismo, já dissemos em trabalho anterior, oferece respeitabilidade aos componentes das seitas africanas desejosos de ascensão social mas avessos a compreenderem outra religião que não aquelas *de participação* (19). O Espiritismo, por seu lado, admitindo as várias seitas umbandistas abre a mesma oportunidade aos descendentes de africanos (*) ao mesmo tempo em que se afirmando em religião ético e néo-transcendental atrai outros segmentos da população, especialmente os indivíduos desejosos de um certo racionalismo pseudo-científico na sua crença religiosa (20). Essa possibilidade de escolha entre sistemas religiosos diferentes, com graus diversos de gratificação e recompensas terrenas e extra-terrenas evidentemente apresenta séria concorrência a qualquer tipo de milenarismo, mesmo porque tanto os pentecostais quanto as testemunhas de Jeová oferecem o domicílio suas promessas de salvação e seu milenarismo contido.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) Bastide, Roger: "Le messianisme raté". Archives de Sociologie des Religions, vol. 3 (1958) págs. 31-37.
- 2) Fastinger, Leon, H. W. e S. Schachter: "When prophecy fails" em Readings in Social Psychology, E. E. Maccoby, T. M. Newcomb e E. L. Hartley ed., Holt, Rinehart e Winston Inc. New York, 1958, págs. 156-63.
- 3) Leach, E. R.: Political Systems in Highland Burma apud Georges Balandier Antropologia Política. Dif. Européia do Livro, S. Paulo, 1969, pág. 20.
- 4) Thrupp, Sylvia L. ed.: Millennial Dreams in Action. Mouton Co., The Hague, 1962.
- 5) Ribeiro, René: "O episódio da serra do Rodeador (1817-20) — um movimento milenar e sebartianista". Revista de Antropologia, vol. 8 (1960), págs. 133-44.
- 6) Azevedo, J. Lúcio de: A Evolução do Sebastianismo. Liv. Clássica, Lisboa, 1947.
- 7) Cunha, Euclides da: Os Sertões, Ed. de Ouro, Rio, 1969, págs. 122-30.
- 8) Kohn, Norman: Les Fanatiques de l'Apocalypse. Trad. Simona Clémentat, Juliard, Paris, 1962.
- 9) Balandier, Georges: Sociologie Actuelle de l'Afrique Noire. Presses Univ. de France, Paris, 1971.

(*) "O Espiritismo de Umbanda representa hoje, no Brasil, o mais elevado plano alcançado pelo culto nativo afro-brasileiro" — afirma Luiz J. Rodrigues, enquanto um chefe de seita afro-brasileira nos dizia: "Qualquer um pegi vira Umbanda; meteu cachaça e charuto orisha se afasta e entra os caboclos".

- 10) Pereira de Queiroz, M. I.: *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. Dominus, S. Paulo, 1965; La Barre, Weston: "Materials for a history of studies of crisis cults — a bibliographic essay". *Current Anthropology*, vol. 12 (1971), págs. 3-44. Também crítica a esse artigo por M. I. Pereira de Queiroz em *Current Anthropology*, vol. 12 (1971), págs. 387-90.
- 11) Lambert, Jacques: *Os Dois Brasil*. INEP, Rio, 1995.
- 12) Della Cava, Ralph: "Brazilian Messianism and national institutions — a reappraisal of Canudos and Joazeiro". *The Hisp. Am. Historical Review*, vol. 48 (1968), págs. 402-20.
- 13) Robock, Stefan H.: *Desenvolvimento Econômico Regional, o nordeste do Brasil*. Trad. José C. M. Cavalcanti e Fernando B. da Silveira. Ed. Fundo de Cultura, Rio, 1963; *Plano de Desenvolvimento Regional (1972-74)*. 1.º anteprojeto. SUDENE, 1971.
- 14) Faró, Rui: *Cangaceiros e Fanáticos*. Civil. Bras., Rio, 1965, págs. 219-217.
- 15) Cohn, Norman: "Medieval millenarism" — its bearing on the comparative study of millenarian movements" em *Millennial Dreams in Action*, págs. 31-34, cit. pág. 42.
- 16) Festinger, Leon, cit. págs. 160-61.
- 17) Hawthorn, H. B.: "A Test of Simmel on the secret society — the DouYhabors of British Columbia". *Am. Jour. of Sociology*, vol. 62 (1956) págs. 1-6.
- 18) Festinger, Leon e colab., cit., pág. 162.
- 19) Ribeiro, René: "Pentacostalismo no Brasil". *Vozes*, vol. 63 (1969), págs. 125-36.
- 20) Ribeiro, René: "Relations of the Negro with Christianity in Portuguese America" em *History of Religion in the New World*, separata de *The Americas* vol. 14 (1958), págs. 118-48 especialmente 144-46.

